

POSITO LERAL
- 2 JUL. 1969



**Ao fim de duas horas
de luta emocionante
e espectacular**

**A «TAÇA DE PORTUGAL»
PASSOU DO PORTO
PARA LISBOA!**

FESTA BENFIQUISTA E TAMBÉM DO FUTEBOL

(LER PÁGINAS CENTRAIS)



MOMENTO de ansiedade nas hostes benfiquistas. Eusébio, que se lesionou, regressa ao rectângulo coxeando, mas viria a recuperar para se tornar particularmente importante na obtenção da vitória

Record

ACTUALIDADE DESPORTIVA

ANO XX 1874 PREÇO 1500	SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS E AOS SÁBADOS Director: ARTUR AGOSTINHO — Editor: JOSE MONTEIRO POÇAS Prop. da Soc. Ed. «RECORD» — Red., Adm. e Tip.: R. Luz Soriano, 63 — Tel. 321622/325265/34981	LISBOA 24 JUNHO 1969
------------------------------	---	-------------------------------

ARTUR JORGE

NO BENFICA POR TRÊS ÉPOCAS

(LER ACONTECIMENTOS DE ONTEM)



A PRUDÊNCIA QUASE IA RESULTANDO

Al longe o tempo das audiências no futebol. Nas épocas românticas, do méta bola e força, as equi- pas cultuavam o perigo, corriam, alegremente, o risco de uma vitória conquistada em campo aberto, mais saborosa por isso mesmo, por ter sido alcançada como quem atravessa um abismo sobre um arame periclitante. Vieram, porém as tácticas, calculistas e prudentes. Os golos estas-seavam, tornavam-se uma espécie de fruto proibido. E o desfecho dos desafios passava a depender, em grande

parte, dum lance de inspiração, dum jogada fortuita, dum falha ou dum bamburrão. Os encontros perderam vibração e entusiasmo. Em vez das sucessivas oportunidades junto das balizas, o excesso de passes a meio-campo. E em lugar dos quartetos ou quintetos avançados a atormentar e a castigar os re- dutos defensivos, o desequilíbrio nu- mérico entre dianteiros (poucos e de- ficientemente apoiados) e defensores (muitos e bons, na generalidade). Eis esboçado o retrato do final. Como, no entanto, coube ao Benfica

A INSISTÊNCIA FZ O RESULTADO

um maior doseamento de jogo por to- do o rectângulo, como a equipa cam- peã nacional pensou mais no ataque e seguiu essa intenção com maior fi- delidade e persistência, o triunfo as- senta-lhe bem. É certo que os estuda- ntes se abeiraram do êxito, ao adianta- rem-se já com o termo do jogo à vis- ta. A prudência dos estudantes ia dan-

do fruto, mas, a concretizar-se a sua vitória, ela dividiu-se-lhe por mérito e sorte. Não seria, de facto, conclusen- te e merecida. Sem uma exibição no- tável — longe disso — os encarna- dos forneceram, sempre, a sensação de que a «Taça» se inclinava para o seu lado, escapando-se, novamente, à tentação coimbrã.

Realmente, positivo e realista emude de jogo de que se viu comparação com o adversário, que tentava de cortes oportunos e en- dou em abeirar-se e pisar a grande zona do campo. Os estudantes aguardassem a

Todavia, os escolares apenas lan- çaram, sistematicamente, os pontos de lança nas suas decisões, só ajudados por Peres, pois os extremos Campos eram, principalmente, médios. Isso per- mitiu excepcional liberdade aos laterais dos «vermelhos», que não hesi- taram em adiantar-se no terreno, fi- gurando frequentemente (Adolfo em particular) como elementos ofensivos. Ao atingir-se a meia-hora, reparava- se que o Benfica se candidatava, de vez em quando, à vantagem no mar- cador, ao passo que os académicos, in- dividuais do meio-campo para a frente, fundamentavam as suas espe- ranças na vaga hipótese de serem bem sucedidos os remates de Peres, desfe- ridos de longa distância, ou os raides de Manuel António e Nene.

O zero-zero da primeira parte não era totalmente falso, apesar de tudo. Se houvesse contagem de pontos, o Ben- fica estaria à frente, sem dúvida. Mas, em futebol, só os golos contam.

Na segunda parte, Torres rendeu Abel e a quantidade de jogadas ativas sobre a assoberbada defesa de Coimbra cresceu consideravelmente. Sucedeu, no entanto, que os elementos desse compartimento académico haviam subido de rendimento e o espaço pa- ra manobrar a preparação de chutes às redes por parte dos ofensivos não abundava. A ameaça não se concreti- zou, contudo, por Simões falhar na conclusão de oportunidades que se afigu- ravam fatais. Deste modo, a igual- dade aguentou-se.

Uma série de boas intervenções de Viegas estimulou, então, a Académica, decidida a sacudir a pressão que lhe era imposta. Mário Campos surgiu a secundar Rui Rodrigues na transpor- te de jogo (Peres havia saído) e a ver- dade é que os estudantes alcançaram,

por volta dos trinta minutos, o seu melhor período. Veio o golo, que pa- recia decisivo, mas o empate não lar- dou. O prolongamento, com um Benfica notoriamente mais bem conservado, só dificilmente traria o triunfo à fatiga- da turma de Coimbra. Eusébio chegou atrasado a um can- culpa? Claro que não. Uma offícia não invalida o seu trabalho, no qual so- breviveu várias saídas no momento exac- to. MALTA DA SILVA — Cumpriu em absoluto. Procurou dar a bola sempre que conseguiu, a sua posse. Actuação positiva, sem dúvida. HUMBERTO II — Trata-se de um

CADA VENCEDOR... CADA SENTENÇA

EUSÉBIO — A BOLA BATEU-ME NA CABEÇA

BENFIQUISTAS trajando de aca- démicos e estes envergando ca- misola encanada, numa per- muta curiosa, simbólica e simpática, a encerrar condignamente uma luta de duas horas que empolgou e que foi sempre nobre, qualquer que fosse o desfecho no marcador. Foi em pleno relvado, logo após o apito do sr. Ismael Baltasar ter da- do o encontro por encerrado, que a «operação-troca de camisolas» teve o seu início, com Eusébio muito acad- émico e Toni a regressar aos seus tempos de Coimbra, equipando-se de negro. E até José Henrique permuta- va a sua camisola com Viegas, para quem Manuel Capela (o antigo guarda- redes «internacional» do Belenenses e da Académica), tinha umas pala- vras de conforto e de estímulo...

Na cabina do Benfica, onde Eusébio que ficara com a bola da fi- nal «decretava» assinaturas de todos os filiais, a «Taça de Portugal» — grande novidade para alguns — é mi- rada e exibida com compreensível en- levo. ADOLFO é dos mais entusiastas e diz:

NO LANCE DO SEGUNDO GOLO!

Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e...

— Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falhei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha?

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e...

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

— O Benfica triunfou bem, uma vez que revelou muito mais força. Poderia ter conquistado o triunfo em lances muito mais fáceis e que não

— O Benfica triunfou bem, uma vez que revelou muito mais força. Poderia ter conquistado o triunfo em lances muito mais fáceis e que não

— O Benfica triunfou bem, uma vez que revelou muito mais força. Poderia ter conquistado o triunfo em lances muito mais fáceis e que não

— O Benfica triunfou bem, uma vez que revelou muito mais força. Poderia ter conquistado o triunfo em lances muito mais fáceis e que não

REGISTO

O GOLO DA VITÓRIA FOI MARCADO

NO PROLONGAMENTO

ESTÁDIO NACIONAL. ÁRBITRO: Ismael Baltasar (Se- tubal). BENFICA — José Henrique; Mal- ta da Silva, Humberto Coelho, Ze- ca e Adolfo; Toni e Coluna; Jaime Graça, Abel, Eusébio e Simões. ACADEMICA — Viegas; Gervásio, Vieira Nunes, Belo e Marques; Rui Rodrigues e Nene; Mário Cam- pos, Manuel António, Peres e Vi- tor Campos. SUBSTITUIÇÕES — Torres (na 2.ª parte) e José Augusto (71 m.), renderam, respectivamente, Abel e Toni, no Benfica. Serafim (68 m) e Rocha (no pro- longamento) entraram para os lu- gares de Peres e Vitor Campos. 0-1 Aos 81 m., Gervásio mar- cou um «livre». O estérico foi a MANUEL ANTONIO, que o recebeu no peito, deixou-o cair na relva e acabou por atirar forte e certo. 1-1 Quatro minutos depois, Eu- sébio executou um «livre». Viegas largou a bola e SIMÕES ocorreu prontamente a uma re- carga oportuna. 2-1 Aos 109 m., J. Graça cen- tuiu. Viegas saiu mais EU- SÉBIO antecipou-se e cabeceou para o fundo das redes.

NA CABINA DOS ESTUDANTES

O BENFICA TEVE SORTE...

MAS TAMBÉM A MERECEU

Quando acontece luta aberta, esforçada, sem quartel — e uma tal entrega, absoluta, se prolonga por duas horas de tensão arrasadora e sacrifício físico verdadeiramente esgotante... o sentimento meditado e mais vivo será, ante o apito final, o de alívio. Daí, talvez, o facto de não havermos encontrado, na cabina dos estudan- tes, quaisquer vestígios de inconfor- mismo, de revolta ante um «gase» que não chegou a sé-lo, de lamenta- ção pelo estranhar dum sonho que esteve bem próximo da reali- dade. Pelo contrário, verificámos con-

Opinião comum: que pena não haver duas Taças pois a ACADEMICA merecia uma...

O sol bateu-me nos olhos e não me permitiu ver a trajetória da bo- la, pelo que o Manuel António não desperdiçou o ensejo. E foi um «tri- fúo». Felizmente que o Simões e o Eusébio não deixaram que a «Taça» fosse para Coimbra.

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-

Entre dirigentes, técnicos e jogadores

PESAR DAS DIFICULDADES

ISTO O TRIUNFO DO BENFICA

suscitassem dúvidas como sucedeu com o 2.º golo, pois o «líbero» assinou qualquer coisa... Foi a altura de ouvirmos os téc- nicos. MÁRIO WILSON, antigo treinador dos académicos, agora ao serviço do Belenenses, afirmou-nos: — Considero que o Benfica ganhou bem e, essencialmente, pela sua pu- ção atlética, que, não sendo brilhante, foi, sem dúvida, superior. No de- sentador do jogo, a Académica este-



Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

O QUE DISSE O ÁRBITRO

GANHO UM COMO PODERIA TER O OUTRO

ISMAEL BALTASAR, compreensí- vo, não quis quebrar a tradição das finais da Taça e aquiesceu, genti- lmente, em nos dar uma breve sín- tese de impressões: — Penso que todos serão unânimes em considerar esta como uma exce- lente partida de futebol. Sobre o re- sultado... apenas lhe poderei dizer que ganhou uma equipa, e bem, quando, de igual modo poderia ter ganho a outra. Isto diz bem do equi- líbrio verificado. — Teve problemas? — Não. Evidentemente que sempre existam as pequenas faltas, que são normais, e até mesmo aquelas que

O QUE DISSE O ÁRBITRO

GANHO UM COMO PODERIA TER O OUTRO

ISMAEL BALTASAR, compreensí- vo, não quis quebrar a tradição das finais da Taça e aquiesceu, genti- lmente, em nos dar uma breve sín- tese de impressões: — Penso que todos serão unânimes em considerar esta como uma exce- lente partida de futebol. Sobre o re- sultado... apenas lhe poderei dizer que ganhou uma equipa, e bem, quando, de igual modo poderia ter ganho a outra. Isto diz bem do equi- líbrio verificado. — Teve problemas? — Não. Evidentemente que sempre existam as pequenas faltas, que são normais, e até mesmo aquelas que

O QUE DISSE O ÁRBITRO

GANHO UM COMO PODERIA TER O OUTRO

ISMAEL BALTASAR, compreensí- vo, não quis quebrar a tradição das finais da Taça e aquiesceu, genti- lmente, em nos dar uma breve sín- tese de impressões: — Penso que todos serão unânimes em considerar esta como uma exce- lente partida de futebol. Sobre o re- sultado... apenas lhe poderei dizer que ganhou uma equipa, e bem, quando, de igual modo poderia ter ganho a outra. Isto diz bem do equi- líbrio verificado. — Teve problemas? — Não. Evidentemente que sempre existam as pequenas faltas, que são normais, e até mesmo aquelas que

O QUE DISSE O ÁRBITRO

GANHO UM COMO PODERIA TER O OUTRO

ISMAEL BALTASAR, compreensí- vo, não quis quebrar a tradição das finais da Taça e aquiesceu, genti- lmente, em nos dar uma breve sín- tese de impressões: — Penso que todos serão unânimes em considerar esta como uma exce- lente partida de futebol. Sobre o re- sultado... apenas lhe poderei dizer que ganhou uma equipa, e bem, quando, de igual modo poderia ter ganho a outra. Isto diz bem do equi- líbrio verificado. — Teve problemas? — Não. Evidentemente que sempre existam as pequenas faltas, que são normais, e até mesmo aquelas que

O QUE DISSE O ÁRBITRO

GANHO UM COMO PODERIA TER O OUTRO

ISMAEL BALTASAR, compreensí- vo, não quis quebrar a tradição das finais da Taça e aquiesceu, genti- lmente, em nos dar uma breve sín- tese de impressões: — Penso que todos serão unânimes em considerar esta como uma exce- lente partida de futebol. Sobre o re- sultado... apenas lhe poderei dizer que ganhou uma equipa, e bem, quando, de igual modo poderia ter ganho a outra. Isto diz bem do equi- líbrio verificado. — Teve problemas? — Não. Evidentemente que sempre existam as pequenas faltas, que são normais, e até mesmo aquelas que



Em grande plano, a bola colada às malhas significa o segundo golo do Benfica, e da vitória. Vieira Nunes define o irremediável

de J. Graça, Torres for- çou Viegas a uma retirada estúpida, mas o inevitável surgiu. A insistência do campeão nacional sup- rava a prudência dos académicos. Os vencedores JOSE HENRIQUE — Pode conde- narse um guarda-redes apenas uma vez batido sem qualquer espécie de



Sequência de imagens do primeiro golo do Benfica. Em cima, Simões tocou primeiro na bola que Vieira Nunes e Viegas, enviando-a para a baliza; em baixo, deslesto nos estudantes Marques, Vieira Nunes, Belo e Viegas, natural alegria nos benfiquistas Jaime Graça, Simões, José Augusto e Torres

TAÇA DE PORTUGAL

INEGÁVEL MÉRITO NA VITÓRIA DO BENFICA

(Continuação das págs. centrais)

no andamento que lhe convém. Daí ter tirado partido para desenvolver uma acção que, embora não constante, foi indubitavelmente útil.

JAIMÉ GRAÇA — As suas descidas pelo flanco direito tiveram o cunho da inteligência. Dos seus pés sempre saíram belos «cantos», entre os quais o que deu o tento decisivo.

ABEL — Não é, não pode ser ainda, o jogador que as qualidades que evidência parecem anunciar. Há que esperar o seu amadurecimento.

EUSÉBIO — Fez o usual gol e esteve na origem do outro. Portanto, o portentoso moçambicano não deixou os seus créditos em pés alheios. Termina a época à altura do seu prestígio.

SIMÕES — Esteve muito em jogo. Falhou dois golos possíveis (o remate é o seu calcanhar de Aquiles), mas veio a marcar o do empate. Durou as duas horas, por menos que demonstra boa forma física.

TORRES — Um perigo constante. Castigou a defesa adversária, com a sua estatura e o seu poder de arranque. Não podia faltar...

J. AUGUSTO — O seu talento não

se exteriorizou como habitualmente. Contudo, marcou bem a sua presença.

Os vencidos

VIEGAS — Um «falhanço» logo de entrada, largamente redimido ao lon-

go do encontro. Mal protegido no primeiro tento calculou deficientemente a saída na jogada do segundo.

GERVASIO — Médio nato, acusou inadaptação ao novo lugar que lhe atribuíram. Só o valor e a experiência

que se lhe conhecem evitaram mal maior.

VIEIRA NUNES — Jogou bem. Sobrio, teve desarmes e intercepções em que patenteou a sua vera classe.

BELO — Extraordinário, o n.º 6 da Académica. Lutou como um valente, fez face aos inúmeros problemas que lhe apresentaram e nunca se rendeu. Bravo e excelente jogador!

MARQUES — A espécie de jogo em que teve de participar — com os adversários vindos de trás, com a bola dominada — não o favoreceu. Batulou-se, todavia, com o brio costumado.

RUI RODRIGUES — Que pés maravilhosos! Pautou o futebol da turma como um maestro. Encontra-se no auge da sua carreira.

PERES — Sem beneficiar da condição física ideal — altnho lesionado — confirmou o seu saber. Procurou apli-

car o remate, uma das melhores armas que possui. Fez falta no conjunto.

MARIO CAMPOS — Entregue a uma tarefa esgotante, jamais renunciou. Onde vai buscar tanta energia! Sobriu bastante na segunda parte.

MANUEL ANTONIO — Um golo estupendo. Perdeu-se, porém, por excesso de individualismo, esquecendo-se dos colegas.

NENE — Também fraquejou. Esperava-se muito de si, o que pode ler-se diminuído as facultades. No entanto, teve apontamentos que o creditam.

VITOR CAMPOS — Não foi o que é um belo jogador. Má forma ou má tarde!

SERAFIM — Pouco jogado, mesmo assim arrancou uma ou outra fugida fofosa, como noutros tempos.

ROCHA — Patenteu talento mas não conseguiu ser o reforço que o onze requeria.

DIRIGENTES, TÉCNICOS E JOGADORES

(Continuação das págs. centrais)

ve bem, apesar da sua pouca velocidade, mas foi briosa e estóica.

E prosseguiu:

— É difícil à «malta», nesta altura, fazer melhor mas o Benfica mereceu a vitória, apesar de ser feliz no tempo complementar. É verdade, não me apercebi de qualquer irregularidade no 2.º golo do Benfica, mas algo houve pois o fiscal de linha assinalou.

PERES BANDEIRA, técnico do Atlético, também esteve lá e disse-nos:

— Considero que, como final, houve pouca emoção. Tal só se verificou a partir do momento em que os golos começaram a aparecer. O triunfo do Benfica acabou por premiar quem mais vezes atacou.

O técnico setubalense POLIDO opinou:

— Foi uma bellissima final com um vencedor certo, pois revelou melhor preparação quando necessitou de despende energias.

A seu lado LUIS VASQUES, também nos revelou:

— O jogo foi bem disputado, com muita correcção e que teve no Benfica o melhor interveniente, pois produziu um futebol dos melhores que vi esta temporada, apesar de óptima oposição dos académicos.

A finalizar «FAIA», técnico do Lusitano do Barreiro, referiu-se:

— Sem dúvida que o Benfica foi um óptimo vencedor, pois no momento oportuno teve mais presença. Considero, no entanto, que houve certa irregularidade no seu segundo golo.

Entre os jogadores, o setubalense GUERREIRO foi o primeiro a depor:

— O Benfica ganhou bem, pelo que efectuou nos noventa minutos. Se não resolveu nesse período, deve-se à falta de melhor sentido no remate dos seus avançados.

O belenense RODRIGUES seguiu-se-lhe nas declarações registadas:

— Foi um verdadeiro espectáculo de futebol, onde se apresentaram duas excelentes equipas, dignas da outra. Houve um grande vencedor e um grande vencido e acho justo o desfecho, pois o Benfica foi sempre quem mais perto esteve do êxito, acabando por o conseguir.

O «cufista» VIEIRA DIAS disse-nos:

— Quando tudo indicava que a «malta» dos académicos levava a sua vantagem, surgiu o golo dos «encarnados», a alimentar a esperança que, no prolongamento, tudo iria a seu favor. Assim aconteceu e está certo. A seu lado, ARNALDO também declarou:

— Não houve muita vibração mas foi agradável seguir esta final. Está certa a vitória dos «encarnados».

A finalizar, o alcantareense PAULA referiu-se:

— O Benfica deixou-se «embalar» pelo jogo do adversário, no entanto, «acordou» a tempo e acabou por merecer o êxito.

AOS COLUMBÓFILOS AOS PESCADORES

Para a vossa compra de TAÇAS visitem a CASA SÓRIOS — Rua dos Anjos 18-B (esquina da R. Andrade). Descontos e brindes.



Desvio «arrepiante» de José Henrique, para «canto», fazendo sair a bola junto ao poste. A presença de Vitor Campos e, principalmente, de Manuel António causava apreensões

A ACTUAÇÃO DO ÁRBITRO

ISMAEL BALTASAR MERECE NOTA POSITIVA

É justo realçar que um dos pontos positivos da «final» esteve na actuação do árbitro.

Na realidade, o sr. ISMAEL BALTASAR bem recebeu por «gregos» e «troianos», o que confirmou o acerto na escolha, mostrou ao longo do encontro uma autoridade suficiente para que os intervenientes

se lembrassem de que era ele que teria de mandar...

Nunca o fez em excesso, até porque a correcção dos intervenientes, com um ou outro lance mais «quentes», não obrigou a tal procedimento, o que lhe dá, ao fim e ao cabo, «nota» alta no aspecto disciplinar.

Quanto à parte técnica, a bitola manteve-se, até porque raros foram os lances que suscitaram dúvidas, aos quais nos reportamos:

8 M. — «Canto» contra a Académica. Não nos pareceu; no entanto, tanto a sua posição como a do auxiliar do lado da bancada, Barão Primo, a nossa opinião.

24 M. — Houve desentendimento; do mesmo «diner» quanto a uma hipotética «deslocação» de Eusébio. Não considerou o árbitro e, quanto a nós, fê-lo a propósito.

32 M. — «Livres indirectos» provocado por José Henrique que levou parte do público a reclamar. Apesar de estar longe do lance o árbitro revelou a sua atenção e apercebeu-se, como poucos, da irregularidade do guarda-linha «encarnado», que após se apoderar do esférico deu mais de quatro passos, o largou e voltou a apossar-se dele!

69 M. — «Fora de jogo» a Eusébio, que provocou reclamações. Bem assinalado, pois o «colored» estava «em linha» com Gervásio e Vieira Nunes.

103 M. — «Livres» contra a Académica, à entrada da grande área, por falta sobre Eusébio. Existiu, na verdade, apesar do aparato do moçambicano, uma vez que Gervásio entrou com os dois pés.

110 M. — Golo da vitória, do Benfica. Só após a conclusão do lance, alguns jogadores escolares reclamaram devido ao fiscal de linha, Barão Primo, ter levantado a bandeirinha. Não descontinúamos qualquer «falta», pois o centro de Jaime Graça apanhou Eusébio dentro do lance e de modo legal... A precipitação do juiz de linha é que... precipitou os protestos!

JAMOR DE ENCARNADO E DE PRETO

ÁRBITRO ESCONDIDO NÃO SE SABE PORQUÊ...

QUEM seria o árbitro da final?

Interrogação plenamente pertinente que amoviu em muitos milhares de espíritos (no nosso âmbito) nas horas que antecederam o Académica-Benfica. Fez um atona-árbitro sugestão dum alto dirigente da Comissão Central para um nosso camarada quando, na antevéspera da final este lhe perguntou quem seria o juiz...

Mas, menos duma hora antes do início do prelo, quando tentámos saber quem seria o árbitro (Oito Glória dissera-nos que seria Saldanha Ribeiro) não fomos totalmente bem sucedidos: árbitro escondido era a ordem a cumprir.

Tanto assim que um funcionário do Estádio, colocado à porta da cabina do árbitro «barricou» a entrada, dizendo que recebera uma ordem superior para não entrar ninguém especialmente dos jornais... Valeu-nos a solicitude do dr. Décio de Freitas e do próprio Ismael Baltasar (faça favor de entrar! Como estou? Muito honrado com a escolha e muito calmo. Não trão surgir problemas, garanto que não!). É incompreensível — iam a escrever puramente ridículo — determinações deste género, transmitidas a funcionários corteses e delicados, mas cumpridores.

Quando serão definitivamente eliminadas certas «burocratizações» do género?

O Benfica, podemos-lo dizer, não ficou muito satisfeito com a escolha do sr. Ismael Baltasar para dirigir o encontro, enquanto que para os académicos a decisão da Comissão Central não trouxe quaisquer desgostos.

VITOR CAMPOS e Toni dialogaram (e muito) antes do jogo, o mesmo acontecendo com Oito Glória e com Peres. É evidente que o futebol ou, pelo menos, a final, não entrou nas conversas...

Um repórter inglês filma Eusébio de todos os ângulos e maneiras. O moçambicano do Benfica submete-se pacientemente a todos os raios do subútil de Sua Magestade britânica. Ainda falta uma hora para o jogo começar e há tempo para tudo...

SILVA SANTOS, secretário-permanente da Associação de Futebol de Lisboa diz-nos exponientemente: — Sabe? Nunca me lembro duma final assim! Está tudo esgotado e há tanta gente lá fora a querer bilhete. Nunca vi uma coisa destas...

O prof. Marques de Matos, da F. P. F., lamenta que o jogo não venha a ser televisado e afirma:

— A culpa não foi da Federação. Um dos finalistas pediu muito dinheiro e a Televisão não quis arriscar-se. E é pena porque, quem não arranjou bilhete merecia ver pela TV...

GERVASIO, o «capitão» da Académica, já equipado, pergunta a Simões:

— Já há alguma coisa? — Não, mas terá que ser um rapaz... Foi a resposta do extremo do Benfica.

Um «trio» curioso, Afonso Lacerda, da F. P. F., José Augusto, do Benfica, e Rocha, da Académica. Conversam animadamente e sem pressas de se equiparem. Parecia que adivinhavam que só jogariam na segunda parte.

NOVE minutos antes das dezasseis horas vai dar-se início à entrada em campo. Francisco Andrade e Otto Glória, cumprimentam-se e desejam recíprocas felicidades. Lado a lado os jogadores parecem não estar nervosos: sorridentes e brincalhões entram no túnel de acesso ao rectângulo. Cláudia, Viegas e Belo são os de semblante mais carregado, enquanto que Toni, Torres e Gervásio não escondem evidentes sorrisos... Depois, foi o jogo...

FUTBOL DE JUNIORES

A EQUIPA DE 1970 VENCEU A DE 1971 (2-1)

Antecedendo a final da Taça de Portugal, realizou-se antontem no Estádio Nacional um desafio de futebol, entre duas equipas formadas pelo seleccionador nacional de juniores e constituídas por elementos que poderão vir a constituir a selecção nacional da categoria, em 1970 e 1971.

O despique foi bastante agradável de seguir, tendo a vitória pertencido à equipa dos mais velhos, pela marca de 2-1.

Inicialmente as equipas apresentaram-se assim constituídas:

EQUIPA DE 1970 — Ramirez (Moitense); Fernando (Benfica); Rogério (Sarlhense); Ludgero (F. C. Porto) e Lino (Benfica); Vitor Manuel Tramagal e Kohler (F. C. Porto); Pinto (Leixões), Cacheira (Leixões), Marques (Atlético) e Correia Dias (F. C. Porto) (cap.).

EQUIPA DE 1971 — Pinhal (Sporting); Espírito Santo (U. Leiria); Graça (Sintrense); Chaves (Sintrense) e Baptista (Benfica); Rachão (Benfica) e Jullio (Atlético); Rodrigo (F. C. Porto), Emidio (Esp. de Lagos), Gregório (Académica) e Alvino (F. C. Porto).

Os dois conjuntos sofreram alterações ao iniciarem a segunda parte. Os golos foram marcados por Cacheira e Jerónimo (os dos vencedores) e Rachão (os dos vencidos).

UM EMPREENDIMENTO PUBLICITÁRIO A FAVOR DO DESPORTO E DO TURISMO

VIII GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

De 30 de Julho a 3 de Agosto

CONVIDAM-SE TODAS AS ORGANIZAÇÕES AMIGAS A PARTICIPAREM NA «CARAVANA PUBLICITÁRIA» QUE ACOMPANHARÁ ESTA GRANDE PROVA CICLISTA

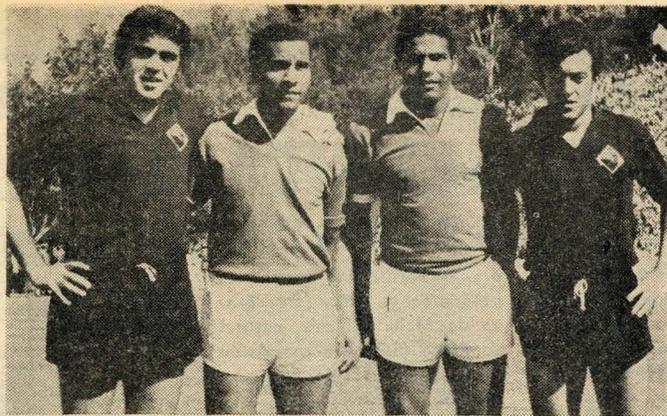
Os interessados podem dirigir-se a ROBBIALAC PORTUGUESA

MAIS COR E VIDA NAS ESTRADAS DE PORTUGAL

BENFICA

DE

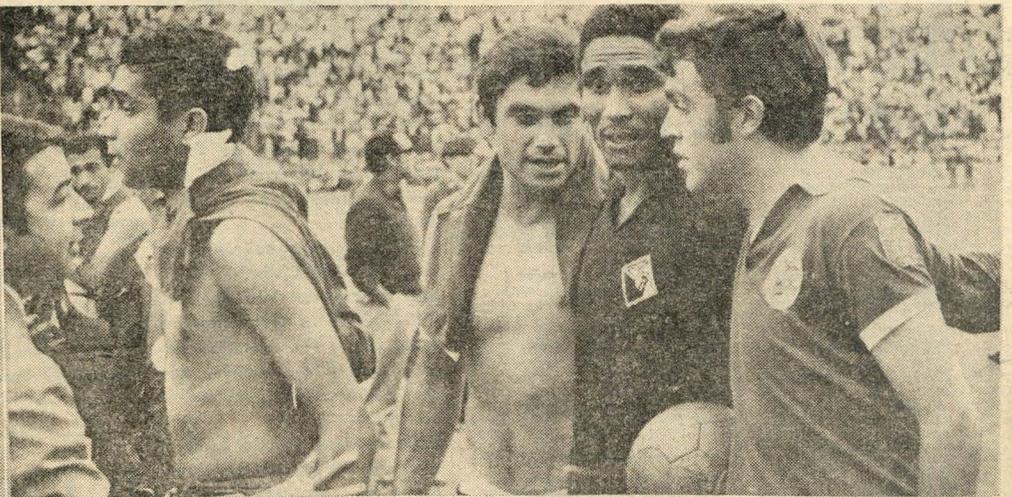
NEGRO



ACADÉMICA

DE

ENCARNADO



VENCEDORES

E

VENCIDOS

PERMUTARAM

AS

CAMISOLAS



O futebol teve a sua grande festa na final do Jamor. Festa a que o Benfica emprestou a sua mística e a Académica a irreverência das suas manifestações tão tipicamente estudantis. Festa que teve o aparato dos grandes espectáculos, o clima de emoção dos acontecimentos da mais alta repercussão. E no fim, vencedores e vencidos demonstraram bem o seu elevado espírito de desportivismo, culminada com a já tradicional permuta das camisolas. A encimar a página a imagem curiosa dos quatro irmãos (dois a dois) que actuaram no Jamor — os escolares Mário e Vítor Campos e os benfiquistas Zeca e Abel

